

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

COMPETÊNCIAS NA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS/LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE
CONCEITUAL

COMPETENCES IN THE TRANSLATION AND INTERPRETATION OF THE
BRAZILIAN SIGN LANGUAGE/PORTUGUESE: A CONCEPTUAL ANALYSIS

Welbert Vinícius de Souza SANSÃO
(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)
welbert.sansao@gmail.com

Anabela CRUZ-SANTOS
(Universidade do Minho - Portugal)
acs@ie.uminho.pt

RESUMO: Este artigo objetiva, a partir de uma revisão de literatura, realizar uma discussão epistemológica do processo tradutório e interpretativo da Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa considerando as competências tradutórias. Para tanto, realizamos um estudo bibliográfico no qual está atrelada a uma análise conceitual que possibilite descrever, com bases nesses aspectos das competências tradutórias (RODRIGUES, 2018; GONÇALVES, 2005, 2008; ALVES, 2005), das escolhas lexicais (JAKOBSON, 2003; SOUZA, 2007; GILE, 1995; MACHADO; FELTES, 2015) e do estilo tradutório (BAKER, 2000; NIDA 1964; VINAY; DARBELNET, 1995, MENDES, 2012, entre outros). Espera-se que a discussão epistemológica deste escopo possa subsidiar a compreender o fenômeno sob uma perspectiva teórico-investigativa.

PALAVRAS-CHAVE: Competências Tradutórias; TILSP; Escolhas Lexicais; Estilo Tradutório; Tradução e Interpretação.

ABSTRACT: *This article aims, based on a literature review, to conduct an epistemological discussion of the translational and interpretative process of the Brazilian Sign Language / Portuguese Language considering the translation competences. To this end, we conducted a bibliographic study in which it is linked to a conceptual analysis that makes it possible to describe, based on these aspects of translation competences (RODRIGUES, 2018; GONÇALVES, 2005, 2008; ALVES, 2005), lexical choices (JAKOBSON, 2003; SOUZA, 2007; GILE, 1995; MACHADO; FELTES, 2015), the translational style (BAKER, 2000; NIDA 1964; VINAY; DARBELNET, 1995, MENDES, 2012, among others). It is hoped that an epistemological discussion of this scope can help to understand the phenomenon from a research perspective.*

KEYWORDS: *Translation Skills; TILSP; Lexical Choices; Translation Style; Translation and Interpretation.*

0. Introdução

Atualmente, nota-se um aprofundamento no campo dos Estudos da Tradução quanto a complexidade do processo tradutório e interpretativo e, por sua vez, a necessidade de que tenham uma expertise em duas línguas (SCHÄFFNER; ADAB, 2000). Assim, nota-se a necessidade de refletir sobre o processo e as competências necessárias para o ato tradutório e interpretativo.

A competência “é constituída de diferentes componentes ou subcompetências, que devem ser adequadamente articuladas para que o desempenho expert possa se manifestar” (GONÇALVES, 2008: 124). Diante desses pilares constituintes do processo de tradução e interpretação, faz-se necessário um olhar reflexivo e epistemológico sobre as competências tradutórias necessárias à atuação de tradutores e intérpretes. Considerando-se a especificidade linguística da Libras, cuja modalidade é visuoespacial — o que a diferencia das línguas orais-auditivas—, percebe-se a importância dessas competências na tradução intermodal, pois o processo não é apenas de transposição linguística, mas também de modalidade (LOURENÇO, 2018).

Assim, o presente artigo objetiva, a partir de uma revisão de literatura, realizar uma discussão epistemológica acerca do processo tradutório e interpretativo a partir das competências tradutórias.

Este texto organiza-se em quatro seções. A Seção 0 refere-se a esta introdução. Na Seção 1, será feita uma breve discussão sobre os tipos de tradução e interpretação e suas relações com o processo de aprendizagem. A Seção 2 descreve as competências tradutórias que se constituem como pilares do processo tradutório, aborda-se também o conceito de competências e as implicações na atuação do TILSP, as escolhas lexicais e o estilo de sinalização em face das tomadas de decisões. Por fim, a Seção 3 destina-se às considerações finais.

1. Construtos do processo tradutório e interpretativo

A Tradução é um dos processos mais antigos da humanidade e, em mundo cada vez mais diverso e dialético, se estabelece como um campo cada vez mais vasto a ser investigado. A palavra tradução é derivada do latim *traducere*, que se refere, a grosso modo, fazer passar de um ponto para outro, transferir, atravessar (FERREIRA; SANSÃO, 2020).

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

No entanto, esse conceito foi ressignificado socialmente, adquirindo outros sentidos como revelar, explicar, manifestar, simbolizar, explanar. Segundo Guerini e Costa (2006: 4) a ampliação do conceito de tradução estabelece uma relação na qual refere "a uma operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos". Considerando essa premissa, pode-se entender que a tradução participa amplamente na constituição da linguagem, visto que o processo de significação se dá na operação de signos entre eles (interpessoal) ou dentro deles (intrapessoal). Ou seja, a tradução adquire uma função não só no processo externo na transferência/ transposição de discursos, mas também, no processo de significação desses códigos.

Dessa forma, pode-se assumir que não existe linguagem sem tradução. Paz (2012) afirma que a tradução estabelece uma ligação direta na constituição da linguagem, sendo que o processo aquisição de língua já se configura como "aprender a traduzir". Por exemplo, "quando uma criança pergunta à sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que realmente pede é que traduza para a sua linguagem a palavra desconhecida" (PAZ, 2012: 9).

Sobre esse aspecto da funcionalidade da tradução como constituinte da linguagem, Jakobson (2003) explicita que para a compreensão de um léxico faz-se necessário conhecer o significado atribuído a essa palavra. Assim, qualquer oração ou palavra é decididamente um fato linguístico. Isto porque o significado de uma palavra não pode ser inferido de sentidos e significados sem a assistência do código verbal. "Será necessário recorrer a toda uma série de signos lingüísticos se quiser fazer compreender uma palavra nova" (JAKOBSON, 2003: 64). Nesse sentido, o significado de um signo linguístico refere-se a sua tradução por um outro signo, seja da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não verbais.

Assim sendo, a tradução assume um papel importante no processo de aprendizagem que se dá pelo processamento da mensagem desde a infância. A instauração de um campo específico como os Estudos da Tradução evidencia as peculiaridades desse processo, que perpassa os níveis de relação intra e interpessoal. Devido à vasta possibilidade em que se apresenta a tradução, esta pode ser subdividida em três tipos: tradução intralingual, tradução interlingual e tradução intersemiótica (JAKOBSON, 2003). A seguir, será abordada cada tipo de tradução e interpretação e as correlações com a aprendizagem.

1.1 Tipos de Tradução

Segundo Jakobson (2003), a tradução pode perpassar por três tipos de modalidades¹. Para o autor, existem três tipos de tradução: (1) a tradução intralingual, (2) a tradução interlingual e (3) a tradução intersemiótica.

A "tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa" (JAKOBSON, 2003: 67). Sobre esse conceito, Scherer e Kader (2012: 134) explicitam que nesse tipo predomina o discurso indireto, no qual o "tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte, resultando, desta forma, em um processo de tradução que envolveria duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes".

Assim, a tradução intralingual envolve um processo de trocas de signos em uma mesma língua, englobando o texto de partida, o leitor-textualizador — termo cunhado por Jakobson (2003) — e o texto de chegada. Uma palavra ou um grupo idiomático de palavras só pode ser traduzida nesta modalidade se houver uma equivalência de significados nos signos. Por exemplo, "todo solteiro é um homem não casado e todo homem não-casado é solteiro", ou "todo celibatário está decidido a não casar-se e todo aquele que esteja decidido a não casar-se é um celibatário" (JAKOBSON, 2003: 65).

No entanto, destaca-se a importância desse tipo de tradução, pois por meio dela, pode-se explicitar conceitualmente o signo desconhecido para o Surdo no processo tradutório e interpretativo. Destaca-se esse fato se dá pela territorialidade continental do Brasil, apresentando diferentes camadas sociais para um mesmo povo, um grande leque de variantes históricos, de localização geográfica, de classe social, de faixa etária e de subjetividades. Steiner (2005: 71) corrobora com tal posição, afirmando que "a língua de uma comunidade, por mais uniformes que sejam seus contornos sociais, é um agregado inesgotavelmente múltiplo de átomos de fala, de significados pessoais em último caso irredutíveis".

Assim, diante desse universo da linguagem, percebem-se as diferenças de discurso e compreensão da fala por sujeitos de uma mesma língua. Em alguns casos, tornam-se mais frequentes o uso como, por exemplo, o regionalismo, que podem variar os sinais de acordo com a região. Em uma situação interativa de dois Surdos, sendo esses da região sudeste e nordeste do Brasil, respectivamente, pode-se perceber uma

¹ Nesse caso, não se encaixam aqui as traduções literais, interpretativas, investigativas, juramentadas, técnicas, dentre outros, como tipos de tradução. Est artigo se atém às questões de modalidade como tipos de tradução, segundo Jakobson (2003).

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ação de tradução intralingual na prospecção de manter o diálogo, tendo em vista a compreensão de novos signos locais e seus significados. Assim, verifica-se a possibilidade de se conceber as variações sociolinguísticas como manifestações de tradução intralingual. Diante disso, a tradução intralingual assume uma importância significativa no processo de negociação de significados de um determinado signo. Considerando esse movimento no processo tradutório do Tradutor e Intérprete de Libras/Português (TILSP) evidencia-se que “a faculdade de falar determinada língua implicaria a faculdade de falar acerca dessa língua” (JAKOBSON, 2003: 67), uma verdadeira operação metalinguística que permitiria ampliar o campo conceitual do estudante Surdo.

Quanto à tradução interlingual, essa se refere a uma atividade humana realizada através de estratégias mentais com fins a transposição de significados de um signo linguístico para outro. Assim, a tradução interlingual engloba o texto de partida, tradutor e texto de chegada. Segundo Jakobson (2003: 65),

no nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras [...]. Mais freqüentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de códigos separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferente (JAKOBSON, 2003, p. 65).

Quanto a esse tipo de tradução, o mesmo autor postula que “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma lacuna, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios” (JAKOBSON, 2003: 67). Assim, a transposição de sentido e significados de um signo pode ser estabelecida entre duas culturas diferentes por meio do processo tradutório.

“No Brasil, por exemplo, calcula-se que a tradução interlingual representa cerca de 60 a 80% dos textos publicados e que 75% do saber científico e tecnológico provém das traduções, alimentando vários setores da vida nacional” (GUERINI; COSTA, 2006: 11). A prevalência deste tipo de tradução também incide na atuação do TILSP educacional no que se refere à tradução interlingual dos materiais didáticos e das atividades no processo de aprendizagem. As escolhas linguísticas que são realizadas na tradução defluem, direta ou indiretamente, do processo de significação dos estudantes Surdos, isto porque interliga-se a compreensão de conceitos.

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Outro tipo de tradução é a intersemiótica que, segundo Jakobson (2003), pode ser definida como a transmutação de uma obra de um sistema de signos a outro. Comumente se dá pela transposição entre um sistema verbal e um não verbal (por exemplo, cinema, vídeos e história em quadrinhos, ilustração de livros, propagandas, dentre outros). Todavia, ela pode ocorrer entre dois sistemas não verbais (por exemplo, entre música e dança, e música e pintura). Rónai (1976: 2) explicita que a tradução intersemiótica é

aquela a que nos entregamos ao procurarmos interpretar o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato simbólico mesmo desacompanhado de palavras. É em virtude dessa tradução que uma pessoa se ofende quando outra não lhe aperta a mão estendida ou se sente à vontade quando lhe indicam uma cadeira ou lhe oferecem um cafezinho.

Assim, transposição intersemiótica é realizada de um sistema de signos para outro (JAKOBSON, 2003). Nesse sentido, a semiótica, é o elemento central para o processo tradutório intersemiótico. Segundo Peirce (2015), a Semiótica é a doutrina dos signos. Um signo é uma representação de alguma coisa para alguém que, em um processo de significação, forma cognitivamente um signo equivalente e/ou mais desenvolvido, alcunhado de interpretante. O que torna mais vastas as possibilidades de tradução, pois a operação da tradução de cunho intersemiótico está interligada por inter e intracódigos. O conjunto desses códigos dão origem a sistemas de signos que podem ser considerados como um construto denominado significado. Assim, o processo tradutório intersemiótico assume uma importante função na compreensão dos sujeitos, pois perpassa pelo conhecimento da língua, pelos significados e sentidos adquiridos anteriormente e por sua relação com o signo verbal e não verbal.

1.2 Tipos de Interpretação

O desdobramento do campo dos Estudos da Tradução com enfoque ao processo de interpretação é bem amplo e complexo assim como o processo tradutório. Ante a esse leque de possibilidades, a interpretação pode ser subdividida em dois tipos básicos, que exigem do TILSP competências específicas: a interpretação simultânea e a interpretação consecutiva (MAGALHÃES-JR, 2007). Serão explicadas as competências tradutórias e interpretativa necessárias na atuação do TILSP conforme Neubert (2000).

Na Interpretação Simultânea (IS), segundo Magalhães Jr (2007: 44), "o intérprete vai repetindo na língua de chegada cada palavra ou

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ideia apresentada pelo palestrante na língua de partida”. Essa simultaneidade não está atrelada entre à coincidência sonora da língua oral e da língua sinalizada, mas nas várias operações realizadas, simultaneamente, pelo TILSP. Assim, o TILSP “simultâneo, entretanto, precisa prestar atenção a dois discursos ao mesmo tempo: ao discurso original e à sua própria interpretação deste” (LUCIANO, 2005).

Nesse ínterim, o TILSP tem de lidar com a ação temporal e as tomadas de decisões para realizar a interpretação. Assim, a memória, a rapidez de intuição, o conhecimento da língua e da cultura são elementos que atuam simultaneamente no ato interpretativo.

Além disso, considerando a Libras, cuja modalidade² é visuoespacial, destaca-se que o TILSP “precisa lidar com duas línguas que possuem duas gramáticas distintas, em um curto período de tempo. Línguas que são mais distantes gramaticalmente entre si impõem um desafio adicional, exigindo a adoção de estratégias específicas” (LOURENÇO, 2018:8). Devido a essa especialidade, pode-se encontrar algumas implicações na atuação interpretativa que transitam em modalidades diferentes (QUADROS; SOUZA, 2008). Destacam-se as diferenças nas características relações temporais e espaciais nas línguas orais, que são bem mais lineares. Nas línguas de sinais apresentam-se de forma quadridimensional, “pois utilizam o espaço e o tempo ‘encarnado’ no corpo do tradutor/ator e expressam, por meio do espaço e dos movimentos, relações temporais e espaciais quase como uma encenação, mas em forma de uma língua” (QUADROS; SOUZA, 2008: 176).

A Interpretação Consecutiva (IC) é a interpretação realizada após uma pausa da fala do discursante a fim de que se possa realizar a interpretação e, logo em seguida, ocorre a retoma da fala do discursante. Segundo Magalhães Jr. (2007: 44) na IC “a pessoa que tem a palavra faz pausas periódicas em sua fala, a fim de permitir que o intérprete faça o traslado da língua original (língua-fonte ou língua de partida) à língua dos ouvintes (língua-meta ou língua de chegada)”.

Diferentemente da IS — na qual o TILSP precisa realizar as operações simultaneamente, sendo pressionado pelo tempo de fala do orador, não tendo, portanto, a possibilidade de tomada de nota ou outros recursos tecnológicos—, a IC permite ao TILSP a utilização de uma série de arcabouços a fim de subsidiar seu ato interpretativo. É verdade que o tempo é um dos elementos basilares do processo interpretativo que incide na qualidade da interpretação, porém nas IC esse tempo é mais dilatado, possibilitando escolhas lexicais mais assertivas.

² Segundo McBurney (2004: 351, tradução nossa), a “modalidade” de uma língua pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais a fonética de uma língua se realiza.

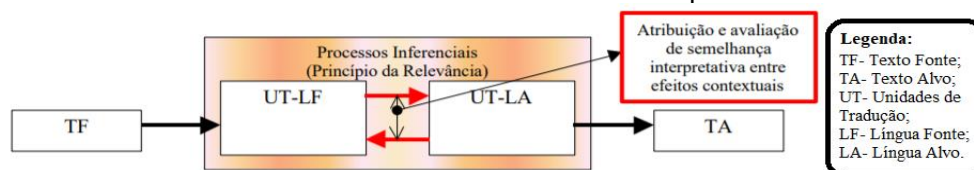
2. O processo tradutório e interpretativo em foco

Diante da notável complexidade dos processos tradutório e interpretativo na atuação do TILSP, percebe-se que estes são dialeticamente ressignificados a partir do discurso, no qual o processamento da mensagem busca equidade na transposição de uma língua-fonte (LF) para a língua-alvo (LA).

Alves (1996: 86) caracteriza o processo tradutório “como a busca mental de uma semelhança interpretativa para uma dada representação semântica através de duas formas proposicionais - uma na língua de chegada e outra na língua de partida”. Assumindo essa definição, Gonçalves (2003: 42) acrescenta que o processo tradutório perpassa “pela atribuição e avaliação de semelhança interpretativa ótima entre pares de efeitos contextuais gerados pelo processamento de unidades de tradução recíprocas, uma na língua-fonte (LF) e outra na língua-alvo (LA)”.

Partindo dessa premissa, a característica intermodal da atuação do TILSP, se dá pela presença no discurso de uma língua visuoespacial, a Libras, para uma língua oral auditiva, Língua Portuguesa (LP). Conforme apresentado na figura 1, o processo tradutório e interpretativo de um TILSP educacional, atuante numa escola inclusiva, perpassa pela alternância de modalidades de línguas diferentes e, sobremaneira, pela imposição do discurso na LF sobre o processo tradutório e interpretativo que determinará o estilo, as competências e as escolhas lexicais³.

FIGURA 1. Processo tradutório e interpretativo



Nesta perspectiva, o TILSP é colocado no centro do processo e, em função da transposição em modalidades diferentes, ele necessita compreender o discurso e suas subjetividades, realizando inferências e aferências. Nida (1964: 146) afirma que “a tradução é um mecanismo de transferência capaz de transportar sentidos e mensagens de uma língua para outra”.

³ No tópico 2.1.1 essa discussão será aprofundada quanto às escolhas lexicais e a correlação com os processos de aprendizagem dos estudantes Surdos.

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Neste sentido, o TILSP precisa lidar com unidades de tradução (UT)⁴ para realizar uma transposição cultural, que para além da equivalência, precisa-se levar em conta o público alvo (FERREIRA; SANSÃO, 2020). Essas UT serão decisivas nas tomadas de decisões de estilo e léxico, pois é nesse momento que o TILSP é confrontado com o processo de transposição da LF para a LA, ação diretamente relacionada às competências tradutórias e interpretativas.

Assim, no tópico a seguir, refletir-se-á acerca das competências tradutórias que se constituem como pilares do processo tradutório, na qual aborda-se sobre o conceito de competências e as implicações na atuação do TILSP, escolhas lexicais e estilo de sinalização em face das tomadas de decisões.

2.1 Competências e os pilares constituintes do processo tradutório e interpretativo

Ferreira e Sansão (2020: 100) destacam que para “a compreensão do processo tradutório é relevante considerar a trajetória dos estudos especializados que constituem as bases epistemológicas e metodológicas desse campo do conhecimento”. Nesse sentido, postula-se que as competências tradutórias são importantes pilares do processo tradutório, que exige expertise do TILSP.

O termo competência adquire diferentes sentidos no campo dos Estudos da Tradução, no qual tem sido idealizada por diferentes enfoques como, por exemplo, competência de transferência (*transfer competence*); competência tradutória (*translational competence/ translation competence*); habilidades de tradução (*translation abilities/ translation skills*); competência do tradutor (*translator competence*); dentre outros (SCHÄFFNER; ADAB, 2000). Segundo Rodrigues (2018: 292)

a competência tradutória é um saber-agir especializado e complexo que integra de forma efetiva conhecimentos, capacidades, habilidades, atitudes e valores. E, por sua vez, compreende a mobilização e aplicação adequada, por parte do tradutor/intérprete, de recursos internos (cognitivos, afetivos, sociais, motores) e externos (físicos, tecnológicos, humanos, temporais) às tarefas específicas de tradução que demandam solução de problemas e tomadas de decisão por meio de um desempenho profissional contextualizado, intencional, situado e satisfatório.

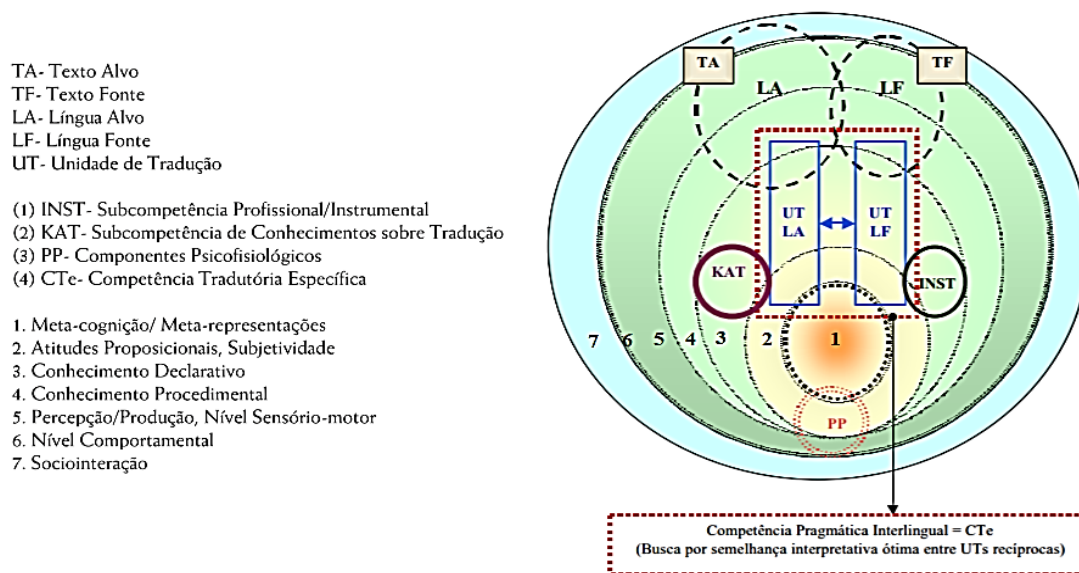
⁴ Uma Unidade de Tradução (UT) “...é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000: 38).

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Desse modo, segundo o autor, percebe-se que a competência do tradutor/intérprete “é constituída de diferentes componentes ou sub competências, que devem ser adequadamente articuladas para que o desempenho experto possa se manifestar” (GONÇALVES, 2008: 124). Essas competências perpassam pela constituição subjetiva dos TILSP, no que se diz respeito aos aspectos biológicos, cognitivos, afetivos, psicomotores e sociointerativos.

Partindo desse pressuposto, a tradução e a interpretação situam-se entre processos cognitivos complexos, que mudam o produto da LA a partir das competências do TILSP. O modelo proposto por Gonçalves (2005: 70) possibilita mensurar o processo tradutório e as competências envolvidas sob ele, pois essas competências organizam-se em “diversos níveis de processamento cognitivo e sua relação com os diferentes aspectos no entorno da cognição” (conforme figura 2).

FIGURA 2. Componentes da competência tradutória



Fonte: Adaptado de Gonçalves (2005, p. 75).

Assim, a partir dessa representação, verifica-se que o processo tradutório e interpretativo possui um nível de complexidade cognitiva que perpassa por vários níveis de competências a fim de obter um produto na LA de excelência e equidade de informação.

Pautando-se nessa caracterização de competências tradutórias, Neubert (2000) estabelece cinco tipos de competências no processo de transposição que são: (1) competência linguística (conhecimento dos sistemas gramaticais e lexicais das línguas de trabalho: LA e LF); (2) competência textual (domínio dos elementos, dos sistemas textuais e discursivos, dos tipos e gêneros textuais); (3) competência temática

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

(conhecimentos bibliográficos e específicos); (4) competência cultural (conhecimento cultural de um povo e sua relação linguística) e (5) competência de transferência (conhecer as estratégias de tradução e utilizá-las, conectando as demais competências). A seguir, demonstra-se imagetivamente a relação dessas competências como pilares constituintes do processo (Figura 3).

FIGURA 3. Inter-relação das competências tradutórias no processo de transposição



Fonte: os autores.

Conforme a figura 3, essas cinco competências possuem uma inter-relação, sendo que a competência de transferência “domina sobre todas as demais competências, ou seja, as habilidades de transferência integram os conhecimentos linguístico, textual, temático e cultural com o único objetivo de satisfazer as necessidades de transferência”. (NEUBERT, 2000: 6, tradução nossa)

Logo, tendo em vista a importância das demais competências para o produto, a seguir será realizada uma discussão em relação aos pilares das competências tradutórias. A discussão ater-se-á sobre a competência linguística — que possui relação com as escolhas lexicais — e a competência textual — que se diz respeito as tomadas de decisões no estilo da tradução sendo determinante o gênero textual.

2.1.1 Competência linguística: escolhas lexicais no processo de tradução e as implicações no processo de significação

Um aspecto intrínseco de qualquer língua é a dialeticidade, que historicamente possui a potencialidade de ampliar e renovar seu léxico. Bagno (1999) afirma que a língua é viva, dinâmica, em constante movimento. Assim, a Libras, como qualquer outra língua, renova-se

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

lexicalmente a partir das necessidades de comunicação, sejam elas de natureza econômica, política, técnica, científica, literária. Ao referenciar historicamente o movimento que impulsionou essa reformulação, destaca-se o reconhecimento da Libras na Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05 que garante a comunidade Surda acesso à Educação, à Saúde, aos serviços públicos, por meio da acessibilidade linguística (BRASIL, 2002, 2005).

A partir deste novo quadro social, os Surdos passaram a ocupar espaços anteriormente não ocupados, como o acesso à Educação do ensino básico ao superior. Assim, devido a exposição a um novo contexto, com vocabulários específicos e técnicos, fez-se necessário a produção de léxicos para contemplar essa nova realidade, o que incide diretamente na atuação dos TILSP.

Nesse sentido, os aspectos linguísticos da tradução e interpretação no âmbito do uso das terminologias no contexto escolar situam-se, majoritariamente, no plano interlingual (JAKOBSON, 2003). Por exemplo, quando o professor está ministrando uma aula, o TILSP precisa realizar uma transposição interpretativa simultânea interlingual, que parte do léxico da LF, em LP, para a LA, a Libras. O mesmo ocorre quando o TILSP precisa realizar uma tradução de um texto escrito em sala de aula, comumente, acontece da LP para a Libras, assumindo novamente o plano interlingual.

No entanto, a tradução intralingual ocorre à medida que os estudantes Surdos desconhecem o uso do léxico. Assim, para uma elaboração conceitual, faz-se necessário, realizar uma intervenção visando adquirir sentidos e significados de determinado sinal (SANSÃO, 2020). Nesse processo, o TILSP precisa realizar novas escolhas lexicais com a finalidade de explicitar ou significar determinado um léxico a partir de um contexto.

Partindo dessa premissa, na tradução e/ou na interpretação, seja do tipo interlingual ou intralingual, o TILSP realiza escolha lexicais que estão ligadas diretamente a questão cognitiva que perpassa pelo processo de significação dos estudantes Surdos. Evans (2009) explicita que, para a atuação do TILSP, este necessita obter uma consciência dos diferentes tipos de contextos, apropriando-se de uma rede de significados e estreitando os sentidos dos léxicos e as correlações com o contexto da situação apresentada. Isto porque o contexto é um fenômeno cuja complexidade atrela-se ao processo de significação que é multifacetado, para o uso da língua e sua compreensão.

Assim, as escolhas lexicais, realizadas no processo de transposição, influenciam diretamente na compreensão de conceitos. Essas escolhas demonstram que o processo tradutório “envolve muito mais do que a simples troca de itens lexicais e gramaticais entre as línguas” (BASSNETT,

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

2005: 47). Sobretudo, quando considera-se a interpretação simultânea — que exige um trabalho mais refinado e minucioso das escolhas lexicáticas, devido ao fator tempo—, o TILSP realiza as escolhas lexicáticas, fundamentando-se dos conhecimentos empíricos e científicos e, em frações de segundos, realiza escolhas de sinais no processo interpretativo. Nesse sentido, Machado e Feltes (2015: 248) afirmam que

o ato interpretativo simultâneo implica em complexas operações cerebrais, pois envolve uma variedade de circuitos. A prática dos TILSP envolve várias competências e habilidades, algumas bem específicas, que podem ser compreendidas e desenvolvidas a partir das contribuições da Linguística Cognitiva (Semântica Cognitiva). Entre elas, estão as escolhas lexicáticas dos processos da interpretação simultânea com o foco nos conceitos abstratos do contexto político, implicado aos processos interpretativos da Língua Portuguesa (modalidade oral) para a Libras (modalidade gesto-visual).

Dessa maneira, acerca da atuação do TILSP no âmbito escolar, percebe-se a enorme complexidade envolvida neste trabalho, pois as competências tradutórias e interpretativas são determinantes no processo de significação. Além disso, elas se interpolam a partir da necessidade da mensagem, ora tradução, ora interpretação. O que requer cada vez mais eficiência e qualidade no ritmo cognitivo (ALVES, 2005) para que os conceitos sejam equiparados à mensagem da LF.

Nesse viés, evidencia-se ainda mais a necessidade de analisar a atuação dos TILSP no contexto educacional, principalmente, nas aulas de matemática, por se tratar de contexto que faz uso de terminologias específicas carregadas de conceitos altamente abstratos para ambas as línguas (Libras e LP).

Assim, ao interpretar uma aula, o TILSP tem que lidar frequentemente com escolhas lexicais a fim de que haja fidelidade e equivalência de conceitos (GILE, 1995). Essas escolhas influenciam, direta ou indiretamente, para que os estudantes produzam sentidos e significados a partir da sinalização realizada (SEGALA, 2010). Neste sentido, o TILSP precisa se debruçar nos estudos das duas línguas, tanto da LF como da LA, pois as escolhas lexicais estão ligadas ao conhecimento de terminologias e da verificação de sinais a partir do *feedback* dos estudantes (SOUZA, 2007).

Outra competência que irá influenciar o processo tradutório e, conseqüentemente, a aprendizagem dos estudantes Surdos, refere-se à competência textual. A seguir, abordar-se-ão às tomadas de decisões e as relações com os gêneros textuais oriundos da LF e os processos de equivalência e estilo na LA.

2.1.2 Competência textual: estilo em face às tomadas de decisões no processo tradutório e interpretativo

Nida (1964), Vinay e Darbelnet (1995) destacam a questão do estilo da tradução e os traços, como elementos que interferem no processo tradutório. Além disso, Hatim e Mason (1990: 10) adotam o conceito de estilo como: "resultado das escolhas motivadas feitas pelos produtores dos textos". Assim, as tomadas de decisões no processo tradutório interferirão no produto final na LA, isto porque o TILSP detém, no momento da tradução ou interpretação, o poder de escolher o léxico que melhor corresponde semanticamente, culturalmente e linguisticamente naquele contexto tradutório, objetivando a equivalência de informações nas duas línguas. Segundo Baker (2000: 245), o estilo "envolve a descrição de padrões preferidos ou recorrentes de comportamento linguístico, em lugar de instâncias individuais ou únicas de intervenção".

Partindo desse pressuposto, Malmkjær (2004: 14) discute a multiplicidade de sentidos do termo "estilo", referenciando que "pode ser definido como uma regularidade consistente e estatisticamente significativa de ocorrência no texto de certos itens e estruturas, entre aqueles oferecidos pela língua como um todo". Nesse sentido, devido a essa complexidade o TILSP precisa ater-se em perceber traços textuais presente na LF, pois é a partir dessa consciência que será determinado o seu estilo tradutório.

A autora acrescenta que a reflexão do estilo no processo tradutório perpassa a interpretação do tradutor sob o discurso na LF, os objetivos do discurso/ discursante, o contexto, os estilos de fala ou escrita na LF e o público-alvo na LA (MALMKJÆR, 2004). Assim, o estilo precisa levar "em consideração a relação entre o texto traduzido e seu texto-fonte" para compreender "não apenas como o texto significa o que significa, mas também por que o escritor pode ter escolhido dar forma ao texto de um modo particular para fazê-lo significar do modo como ele significa" (MALMKJÆR, 2004: 14).

Esse processo torna-se ainda mais complexo quando o TILSP está realizando o processo de interpretação simultânea, pois como visto a tomada de consciência é tensionada pelo fator tempo, assim as tomadas de decisões em face às escolhas lexicais refletirão no estilo tradutório. Uma vez que esse profissional terá pouco tempo para refletir sobre o discurso, o estilo da LF ou mesmo sobre os objetivos do discursante, no caso de TILSP educacional, dos professores, o estilo tradutório será determinado a partir da fala. Leech e Short (2007) explicitam que a versatilidade da fala e do pensamento, incidem no estilo tradutório apresentando uma multiplicidade de pontos de vista sobre o produto da

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

LA. Assim sendo, os aspectos prosódicos, entonação de voz, escolhas lexicais e o próprio discurso, bem como elementos linguísticos e referenciais serão determinantes, por sua vez, no estilo.

Segundo Baker (2000), a análise estilística do processo tradutório e interpretativo possui um emaranhado de possibilidades, pois trata-se de dois sujeitos, dois idiomas e dois socioletos. Assim, "as condições mutáveis da comunicação sócio-verbal precisamente são determinantes para as mudanças de formas que observamos no que concerne à transmissão do discurso de outrem" (BAKHTIN, 1992:154). Destaca-se, então, a importância da tomada de consciência ou aumento do nível de conscientização por parte do tradutor para a ampliação da competência tradutória (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000).

Ao analisar o processo de tradução e interpretação de Libras/LP, pode-se inferir que as tomadas de decisões, considerando as escolhas lexicais, podem influenciar o processo de significação dos estudantes, uma vez que o estilo tradutório será determinado pelo TILSP pautando-se na fala do professor. Assim, no que se refere às aulas de Matemática, o estilo será determinante para a compreensão e equivalência de informações estabelecidas pelo professor no contexto de ensino.

Isto porque o trabalho do TILSP perpassa essencialmente com a linguagem que, segundo Bakhtin (1992), é sempre dialógica. Assim, o TILSP está envolvido dialeticamente no meio da tríade (emissor, linguagem, receptor), e é protagonista quando está em atuação.

Assim, os discursos existentes presentes em diferentes épocas e grupos sociais, interagem entre si, em constantes trocas deixando de ser inéditos, pois traz vestígios de outros discursos, ou seja, são discursos reorganizados dialogicamente dos discursos de outrem, repletos de entonações, conotações marcadas pelos recursos linguísticos, utilizados pelos falantes, como do discurso direto, ou de maneira diluída e menos marcada, como ocorre no discurso indireto sem sujeito aparente e discurso indireto livre, que é a forma última de enfraquecimento das fronteiras do discurso citado, o qual tem uma tendência inerente a transferir a enunciação citada do domínio da construção linguística ao plano temático, de conteúdo (MENDES, 2012: n.p).

Considerando essa premissa, o TILSP educacional, está envolto de seus pensamentos influenciados pelo contexto inclusivo, das condições de trabalho, do discurso do professor, do discurso dos Surdos, do próprio processo tradutório e interpretativo, considerando as modalidades linguísticas. Assim, o ato de traduzir e interpretar, "não seria apenas o ato de passar de uma língua para outra, mas de fazê-lo em uma situação concreta envolvida ideologicamente" (MENDES, 2012: n.p).

Diante disso, o processo tradutório e interpretativo interferirá no processo de significação, pois é por meio dos signos visuais, advindos das

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

escolhas lexicais, que os alunos Surdos serão capazes de organizar as estruturas complexas, desempenhando um papel indispensável na formação de conceitos e significados (SANSÃO, 2020). Como a língua é um produto de significações que organiza as funções psíquicas superiores e permite que o ser humano desenvolva seu pensamento teórico, o TILSP desempenha um papel imprescindível neste processo, pois a ponte linguística com a língua natural dos Surdos, em contextos inclusivos, é realizada por meio dele.

“Em se tratando dos surdos usuários da Libras, a língua é uma relação que liga o pensamento ao gesto. Ao determinar um sinal ao pensamento, a língua evoca uma imagem ótica que dará sentido ao signo na Libras” (MARCON, 2012: 235). O Surdo precisa processar imagetivamente o signo correlacionando-o ao conceito, em um processo de significação, para, então, poder fazer escolhas e combinações de signos, formando um eixo de paradigma e sintagma.

Por isso, é importante que o TILSP tenha conhecimento prévio do discurso do professor a fim de poder determinar as possíveis escolhas lexicais. Tal arcabouço pode auxiliá-lo a construir uma rede de significações sobre a temática, permitindo-lhe que tenha um arsenal de estratégias, no campo conceitual, permitindo-lhe realizar escolhas lexicais adequadas. Assim, os sentidos e significados adquiridos pelos estudantes Surdos se dá pelas escolhas situadas no eixo paradigmático e de suas referências, proporcionando outras possibilidades lexicais, o que, numa tradução de línguas orais, corresponderia a uma nota de rodapé (MARCON, 2012).

Há que se considerar, ainda, neste estudo, que a Libras tem uma modalidade de língua diferente da LP. Apesar de compartilharem propriedades abstratas intrínsecas, elas se diferem externamente. “As línguas faladas são codificadas em mudanças acústico-temporais variações do som no tempo. As línguas de sinais, contudo, baseiam-se em mudanças visuoespaciais para assinalar contrastes linguísticos” (HICKOK; BELLUGI; KLIMA, 1998: 52).

Percebe-se que tanto a língua portuguesa como a língua de sinais possuem propriedades abstratas e se convertem em acústico-temporal e visual-espacial, diferenciando-se na forma externa; isto é, as informações serão internalizadas e processadas no pensamento. Essa informação, por sua vez, será codificada por meio de ideias que serão repassadas através da Libras. Portanto, para que o surdo compreenda o que está sendo dito pelo professor na aula, é preciso, antes, que o tradutor tenha “estabelecido, em seu sistema linguístico, uma cadeia de relações sobre o mesmo assunto, a qual lhe proporcione possibilidades de compreensão, sempre respeitando o nível linguístico daquele com quem interage” (MARCON, 2012: 241-2).

3. Considerações Finais

A diferença gramatical entre línguas e sua modalidade, conforme discutido nesse capítulo, implica em um processo complexo e intermodal. O presente artigo contribui com esse debate, ao discutir como essas diferenças entre a Libras e a LP podem impactar na atuação do TILSP no processo tradutório e interpretativo.

Verificamos que o TILSP exerce um "poder" sobre as línguas e sobre os Surdos (STREIECHEN; OLIVEIRA, 2018). Assim, o TILSP pode influenciar na aquisição de conceitos dos estudantes surdos, isto porque os processos tradutório e interpretativo trazem uma carga de transferência de códigos, que consubstanciam o processo de aprendizagem. Essa prática permite refletir quanto ao contexto cultural das línguas envolvidas, as escolhas lexicais, estilo de tradução/ interpretação e a relevância de um repertório linguístico para a transposição de uma língua para outra.

Espera-se que a discussão aqui apresentada possa servir como arcabouço teórico para subsidiar a pesquisa de campo a fim de compreender o fenômeno sob uma perspectiva investigativa reflexiva, a qual incita o seguinte questionamento: como as escolhas lexicais no processo interpretativo influenciam na compreensão e aquisição de conceitos? Essa pergunta de investigação consubstanciará uma proposição de pesquisa de campo a fim de compreender esse fenômeno.

Referências bibliográficas

ALVES, F. Veio-me um "click" na cabeça: The theoretical foundations and the design of a psycholinguistically oriented, empirical investigation on german-portuguese translation process. *Meta*, v. 41, n. 1, p. 33-44, 1996.

_____. Ritmo cognitivo, meta reflexão e experiência: Parâmetro de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (Orgs.). *Competência em Tradução: Cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.109-172.

ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Traduzir com autonomia. Estratégias para o tradutor em formação*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2000.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BASSNETT, S. *Estudos da tradução*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 20 jun. 2020.

_____. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 20 jun. 2020.

EVANS, V. *How words mean: Lexical concepts, cognitive models and meaning construction*. New York: Oxford University Press, 2009.

FERREIRA, H. M.; SANSÃO, W. V. S. Uso de unidade de tradução no processo de transposição da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais. *Revista Científica do UniRios*, v. 14, n. 23, p. 98-111, 2020.

GILE, D. *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, J. L. V. R. *O Desenvolvimento da Competência do Tradutor: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental*. 2003. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

_____. O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Orgs.) *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, pp. 59-90.

_____. Rediscutindo o conceito de competência de uma perspectiva relevantista. In: CAMPOS, J.; RAUEN, F. J. (Orgs.). *Tópicos em Teoria da Relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 122-142, 2008.

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

GUERINI, A.; COSTA, W. i. Florianópolis: CCE/UFSC, 2006.

HATIM, B.; MASON, I. *Discourse and the translator*. London: Longman, 1990.

HICKOK, G.; BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. The neural organization of language: Evidence from sign language aphasia. *Trends Cogn Sci.*, v. 2, n. 4, p. 129-136, 1998.

JAKOBSON, R. *Aspectos linguísticos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 2003.

LEECH, G.; SHORT, M. *Style in fiction: a linguistic introduction to English fictional prose foreign language*. 2. ed. U. K.: Pearson Education Limited, 2007.

LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras/português: Diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. *Tradução em Revista*, v. 24, n. 1, p. 1-22, 2018.

LUCIANO, A. H. T. *A interpretação simultânea sob a ótica da lingüística aplicada*. 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Tradução) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MACHADO, F. M. A.; FELTES, H. P. M. A interpretação simultânea no contexto político. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 236-268, out. 2015. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p236>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

MAGALHÃES JR, E. *Sua majestade, o intérprete* – o fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MALMKJAER, K. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. *Language and Literature*, v. 13, n. 1, p. 13-24, 2004.

MARCON, A. M. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 233-249, 2012.

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent?. In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Orgs.). *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 329-369, 2004.

MENDES, E. Aprender a ser e a viver com o outro: Materiais didáticos interculturais para o ensino de português LE/L2. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, D. S. P. (Orgs.). *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA, p. 355-378, 2012.

NEUBERT, A. Competence in language, in languages, and in translation. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (Orgs.). *Developing Translation Competence*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 3-18, 2000.

NIDA, E. A. *Toward a science of translating: With special reference to principles and procedures involved in bible translating*. Leiden, Holand: Brill, 1964.

PAZ, O. *Traducción: Literatura y literalidad*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: Práticas tradutórias do curso de letras libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petropolis: Editora Arara Azul, p. 168-207, 2008.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: A modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018.

RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. 4. ed. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.

SANSÃO, W. V. S. *O ensino de geometria plana: Uma análise do desenvolvimento do pensamento teórico de Surdos em situações desencadeadoras de aprendizagem*. 2020. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2020.

SANSÃO, Welbert Vinícius de Souza; CRUZ-SANTOS, Anabela. Competências na tradução e interpretação da língua brasileira de sinais/língua portuguesa: uma análise conceitual. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 187-207, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. *Developing translation competence*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2000.

SCHERER, A. E.; KADER, C. C. C. Os aspectos linguísticos da tradução à luz dos pressupostos teóricos de Roman Jakobson versus a vertente da tradução da linguística de corpus. *Entretextos*, v. 12, n. 1, p. 132-148, 2012.

STREIECHEN, E. M.; OLIVEIRA, J. J. Escolhas lexicais no processo de tradução do português escrito para a língua de sinais. *Revista Trama*, v. 14, n. 32, p. 110-120, 2018.

SEGALA, R. *Tradução intermodal e intersemiótica/ interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. 2010. 74f. Dissertação (Mestrado em Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010.

SOUZA, M. R. O professor intérprete de língua de sinais em sala de aula: Ponto de partida para se repensar a relação ensino, sujeito e educação. *Revista Temática Digital linguagem - ETD*, v. 8, n. 1, p. 154-170, 2007.

STEINER, G. *Depois de babel: questões de linguagem e tradução*. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

VINAY, J. P.; DARBELNET J. Estilística comparativa de francês e inglês, uma metodologia para tradução. *Meta*, v. 21, n. 3, p. 471-473, 1995.